

**REGINA
NAVARRO
LINS**

PAIDÓS

**NOVAS
FORMAS**

**Nada vai ser como antes:
grandes transformações nos
relacionamentos amorosos**

**DE
AMAR**

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**REGINA
NAVARRO
LINS**

PAIDÓS

**NOVAS
FORMAS
DE
AMAR**

Nada vai ser como antes:
grandes transformações nos
relacionamentos amorosos

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Regina Navarro Lins, 2017, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Luciana Figueiredo
Revisão: Carla Fortino e Andréa Bruno
Diagramação: Abreu's System
Capa: André Stefanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lins, Regina Navarro
Novas formas de amar : nada vai ser como antes : grandes transformações nos relacionamentos amorosos / Regina Navarro Lins. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
272 p.

Bibliografia
ISBN: 978-85-422-2667-6

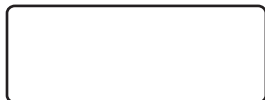
1. Amor – Aspectos psicológicos 2. Relação homem-mulher
3. Relações poliamorosas 4. Casais homossexuais 5. Comportamento sexual I. Título

17-1195

CDD 155.64

Índice para catálogo sistemático:

1. Amor – Aspectos psicológicos



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

O que é o amor romântico

Há seis meses conheci Joel. Sou separada, tenho 35 anos, ele, 41. Fui me surpreendendo nas primeiras 24 horas que ficamos juntos. Tive certeza de que era o homem da minha vida. Me apaixonei completamente. Fomos ficando cada vez mais próximos. Passamos os fins de semana juntos, na casa dele ou na minha. Mas, de uns meses pra cá, tenho percebido aspectos na sua personalidade que detesto. Ele é intolerante e agressivo com qualquer opinião diferente da dele. Brigou com minha melhor amiga durante um jantar. Ninguém entre meus amigos o suporta... Como é que não notei isso antes?

Quando critico o amor romântico muitos reagem, imaginando que estou criticando o amor. A crença de que esse tipo de amor é a única forma de amor que existe torna difícil imaginar algo diferente. “Os seres humanos têm a capacidade de criar laços, de demonstrar afeto, de amar. Mas o que chamamos de amor não existiu desde sempre, tampouco está presente em todos os contextos. Por ser histórico, o amor é uma construção social e varia de forma, de significado e de valor. Assim como todas as culturas elegem suas formas de viver, de sofrer, de gozar, de morrer, também elegem suas formas de amar.”¹

As características do amor romântico me parecem bastante claras: você idealiza a pessoa amada e projeta nela tudo o que gostaria que ela fosse. Atribui a ela características de personalidade que na verdade não possui. Não se relaciona com a pessoa real, mas com a inventada de acordo com as próprias necessidades. Por isso, esse tipo de amor não resiste à convivência diária do casamento, cuja excessiva intimidade torna obrigatório enxergar o parceiro como ele é, não deixando espaço para que a

idealização possa se sustentar. O desencanto é inevitável, trazendo, além do tédio, sofrimento e a sensação de ter sido enganado. Quando percebemos que o outro é um ser humano, e não a personificação de nossas fantasias, nós nos ressentimos e geralmente o culpamos.

Expectativas que não se cumprem

Várias são as mentiras que o amor romântico impinge a homens e mulheres para manter a fantasia do par amoroso idealizado, em que duas pessoas se completam, nada mais lhes faltando. Entre elas estão as seguintes afirmações:

- Só é possível amar uma pessoa de cada vez.
- Quem ama sente desejo sexual pela mesma pessoa a vida inteira.
- Quem ama não sente desejo sexual por mais ninguém.
- Há uma complementação total entre os que se amam.
- Os dois se transformam num só.
- O amado é a única fonte de interesse do outro.
- Cada um terá todas as suas necessidades atendidas pelo outro.
- Qualquer atividade só tem graça se a pessoa amada estiver presente.
- Todos devem encontrar um dia a “pessoa certa”.

O resultado dessas crenças na vida a dois é que, com frequência, um imagina o outro como ele não é na verdade e espera desse outro coisas que ele não pode dar. As expectativas e os ideais do amor romântico são passados como a única forma de amor, e as pessoas aprendem a sonhar e a buscar um dia viver tal encantamento. Entretanto, como nada corresponde à realidade, em pouco tempo de relação elas se decepcionam e se frustram.

Ideais, crenças e atitudes

O amor romântico prega um conjunto de crenças, valores e expectativas que determinam, mesmo inconscientemente, o que devemos sentir e como reagir no relacionamento com outra pessoa. Professora de Comunicação, a americana Laura Kipnis concorda: “Evidentemente o amor é sujeito a tanta regulação quanto qualquer substância poderosa que induza ao prazer. Seja ou não uma fantasia que acalentamos enquanto nos agrada, livres como pássaros e borboletas, existe uma quantidade interminável de instrução social para nos dizer o que ele é e o que fazer com ele, e como, e quando”.²

Somos condicionados, já na infância, a desejar viver esse tipo de amor. Aprendemos a acreditar que só é possível ser feliz vivendo um romance, que traz a ilusão do amor verdadeiro. Por isso, poucos suportam ouvir que, apesar de toda a magia prometida, o amor romântico não passa de uma ilusão. Sem contar que traz mais tristeza do que alegria, além de muito sofrimento.

Recentemente, postei um artigo sobre o tema no meu blog no portal UOL. Como muitos não têm argumentos para contestar ideias, ataques são imediatos, e, como é comum nas redes sociais, à minha vida pessoal ou o que imaginam dela: “Não ache que a sua experiência pessoal é uma regra, muita gente tem mais sorte do que a senhora no relacionamento” e “Se a senhora nunca teve um amor de verdade, o azar é seu” são alguns exemplos.

Como surgiu esse tipo de amor

Desde o advento do cristianismo, o amor só podia ser dirigido a Deus. O amor cortês, como vimos, foi a primeira manifestação do amor como hoje o conhecemos: uma relação pessoal. Surgido no século XII, com os trovadores, nobres pertencentes à corte da Provença, França, mais tarde se estendeu a outras regiões e classes sociais da Europa medieval e transformou o comportamento de homens e mulheres.

Até então o que havia era o desejo sexual e a busca de sua satisfação, muito diferente da experiência de se apaixonar vivida por esses jovens. Essa revolução amadureceu, dando origem ao amor romântico. Esse ideal amoroso só passou a ser uma possibilidade no casamento a partir do século XIX, pois antes disso os casamentos se davam por interesses econômicos e políticos. A partir de 1940, apareceu como fenômeno de massa, quando todos passaram a desejar casar por amor incentivados pelos filmes de Hollywood.

O cinema passou a proporcionar uma intimidade sem precedentes, graças ao desencadear das emoções e das imagens, para não mencionar a inusitada proximidade das pessoas, sentadas lado a lado, no escuro. A escuridão em si já constituía uma forte atração para os jovens casais, que não dispunham de espaço próprio para intimidades. O romance no cinema, em grandes *close-ups*, representava uma experiência emocional revolucionária, que beirava o voyeurismo, o que intensificava o clima de

sexualidade do cinema, cujas últimas fileiras se prestavam à troca de carícias e ao ardoroso beijo na boca.³

O amor romântico é a propaganda mais difundida, poderosa e eficaz do mundo ocidental. Chega até nós diariamente através de novelas, músicas, cinema, teatro, publicidade.

Ama-se o amor, apaixona-se pela paixão

Sara tem 34 anos e diz estar vivendo um grande amor e também um problema:

Conheci Luiz por acaso, num jantar na casa de uma amiga, e começamos a namorar. Surgiu uma relação muito forte, achei que íamos ficar juntos o resto de nossas vidas, mas Luiz viajou a negócios por um mês. Coincidiu que fui passar um fim de semana em Petrópolis e acabei conhecendo Paulo. Descobri que esse, sim, é, de fato, o homem da minha vida. Tenho certeza de que quero viver com ele para sempre. Deu certo na cama, nas conversas... Mas o que digo a Luiz? Ele está para chegar... Detesto mentir, mas não vejo outro jeito. Vou ter que inventar uma desculpa...

Geralmente, é com essa certeza de “Estou precisando tanto me apaixonar!” que se parte em busca de um parceiro. Na verdade, as pessoas amam estar amando, apaixonam-se pela paixão, muito mais do que por alguém em especial. Basta encontrar quem corresponda mais ou menos ao que se deseja e pronto: inventa-se uma nova paixão e até se sofre por ela. Mas o sofrimento não é problema: pode ser estancado de imediato. É só aparecer outro alguém que a transferência do amor logo acontece. É importante ressaltar que não há nada grave em desejar um par amoroso. O grave é a crença de que só se pode ser feliz se houver um par amoroso.

Quanto mais difícil, mais apaixonados ficamos

É inegável que a fusão proposta pelo amor romântico seja extremamente sedutora. Nos contos de fadas, por exemplo, heróis e heroínas precisam superar inúmeros obstáculos para, só no final, conseguirem ficar juntos. Para garantir que continuarão eternamente apaixonados, as histórias terminam com o famoso “E foram felizes para sempre”.

Até o século XIX, apesar de arrebatador corações, o amor romântico não podia se misturar a uma relação fixa e duradoura. Casamento por amor, nem pensar! Impossível de realizar, inatingível e tormentoso. As histórias de Tristão e Isolda e de Romeu e Julieta ilustram bem como esse tipo de amor é regido pela impossibilidade. Quanto mais obstáculos a transpor, mais apaixonada a pessoa se torna.

Para manter a idealização, não se pode conhecer bem o outro

Um canadense se casou há pouco com uma japonesa. Ela não falava inglês nem francês. Ele não falava japonês. Eles formavam o casal ideal: amantíssimos, atenciosos, completamente apaixonados, aparentemente a própria imagem da fusão de dois seres humanos. Então, ela começou a aprender inglês. Agora, brigam o tempo todo. Estão começando a conhecer um ao outro. E o sexo já não é tão bom quanto antes. O que era um excitante mistério recíproco transformou-se em ressentimento mútuo. O elo entre os dois baseava-se na ignorância a respeito do outro.

Prejuízos do amor romântico

Kate e Geoff, ambos aposentados, vivem numa bela casa na zona rural da Inglaterra. Juntos há 45 anos, preparam uma festa para, na semana seguinte, comemorar com amigos a longa convivência conjugal. Entretanto, a rotina do casal é interrompida pela chegada de uma carta do exterior. Escrita em alemão, autoridades informam que foi encontrado, na Suíça, o corpo da ex-namorada de Geoff. Ela foi vítima de uma queda nos Alpes quando viajava com ele há muitas décadas, cinco anos antes de ele e Kate se conhecerem.

Geoff busca um dicionário para entender melhor a mensagem e fica abalado com a notícia. Segundo as informações, o corpo está intacto, preservado pelo congelamento da região. O passado retorna ao idoso. Ao comentar com a esposa, ela pergunta se ele irá até a Suíça. Ele diz que sim, que talvez vá...

Kate segue cuidando dos detalhes da festa, aluga o salão e procura manter o dia a dia, mas Geoff, naquele momento, está tomado pelo passado. No quarto dia após a chegada da carta, e a dois apenas da festa,

Kate levanta questões sobre a reação dele à notícia. Não se conforma com o fato de o marido estar tão afetado pelas lembranças. Ele a abraça e tenta fugir da questão, mas ela está insegura e sente ciúmes.

Finalmente, chega o dia da festa. Muitos amigos estão no salão para comemorar o longo casamento. Geoff pede a palavra; emocionado, tenta dizer alguma coisa coerente. Embaraçado, diz chorando que ama Kate. Todos aplaudem. Inicia-se a música, e ele a convida para dançar. O casal gira um pouco pelo salão, mas, quando os demais invadem a pista para dançar, Kate se desfaz do abraço dele num gesto brusco, que apenas os dois percebem o significado.

Esse é o resumo do filme *45 anos*, dirigido por Andrew Haigh e que tem como protagonistas Charlotte Rampling e Tom Courtenay.

O sofrimento de Kate e o dano ao seu casamento são causados pelas crenças equivocadas a respeito do amor. A partir da ideia de que os dois se completam, torna-se impossível admitir que o outro tenha qualquer pensamento de que o amado não participe. Assim, o amado só pode ter olhos para o outro; não pode ter nenhum espaço próprio, mesmo que mental, sem que o outro não faça parte. Isso não seria considerado amor. Kate não suportou ser excluída das recordações que estavam afetando o marido naquele momento, mesmo que a ex-namorada já estivesse morta havia mais de cinquenta anos.

“É difícil esvaziar a mochila que levamos nas costas, cheia de ideias impróprias e acumuladas durante nossa vida, ideias impregnadas de crenças irracionais. Ter aprendido um conceito errado sobre o amor pode nos trazer muitos problemas nas nossas relações, especialmente na adolescência, quando somos mais vulneráveis. Realmente, muitos de nós reproduzimos modelos de relações amorosas nem um pouco saudáveis, que incluem tolerância ao ciúme e ao controle.”⁴

Para o psiquiatra americano M. Scott Peck, o mito do amor romântico nos diz que para cada homem no mundo há uma mulher que “foi feita para ele”, e vice-versa. Além disso, o mito implica que há um só homem destinado a uma mulher e uma só mulher para um homem, e que isso foi predeterminado “nas estrelas”. Quando conhecemos a pessoa a quem estamos destinados, o reconhecimento vem do fato de nos apaixonarmos. Encontramos a pessoa a quem os céus nos tinham destinado e, uma vez que a união é perfeita, passamos a ser capazes de satisfazer as necessidades

um do outro para sempre e, portanto, viver eternamente felizes em completa união e harmonia.

Se, no entanto, não satisfizermos ou não formos ao encontro de todas as necessidades um do outro, atritos surgem e nós nos desapaixionamos. Então, fica claro que cometemos um erro terrível, interpretamos as estrelas erroneamente, não nos entendemos com nosso único par perfeito, o que pensamos ser amor não era amor real ou “verdadeiro”, e não há nada a fazer quanto à situação, a não ser viver infelizes para sempre ou obter o divórcio.⁵

Imaginar que numa relação amorosa vamos nos completar, que nada mais vai nos faltar, é o caminho mais rápido para a decepção. “Será que o amor deveria vir embalado com advertências sobre a saúde: cuidado, pode viciar e ser prejudicial para sua sobrevivência?”⁶

A trajetória do amor romântico

Assisti há algum tempo, no YouTube, a Ed Motta e Miltoninho cantando a música “Meu nome é ninguém”, de Haroldo Barbosa e Luiz Reis, composta nos anos 1960, que ilustra bem o que acontece com o amor romântico após algum tempo de convivência. Na letra, depois do primeiro beijo, a paixão foi imensa. Mas, de repente, foi-se o encanto de tudo.

Quem sou eu, quem é você
Foi assim
E só Deus sabe quem
Deixou de querer bem
Não somos mais alguém
O meu nome é ninguém
E o seu nome também
Também ninguém

A trajetória do amor romântico é essa. No início, um só tem olhos para o outro. Em determinado momento, o outro já não significa nada: “O meu nome é ninguém/ e o seu nome também”. Isso ocorre porque o amor romântico é calcado na idealização, não é construído na relação com a pessoa real, que está do lado, mas com a que se inventa de acordo com as próprias necessidades.

Fonte de frustração

“O ‘primeiro olhar’ é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, ‘completa’.”⁷ Dalai Lama, líder espiritual do povo tibetano, ganhador de diversos prêmios, entre eles o Nobel da Paz, disse o que pensa sobre o amor romântico: “Creio que, deixando-se de lado o modo como a interminável busca do amor romântico pode afetar nossa evolução espiritual mais profunda, mesmo a partir da perspectiva de um modo de vida convencional, pode-se considerar a idealização desse tipo de amor romântico como uma manifestação extrema. Ao contrário daqueles relacionamentos baseados no afeto verdadeiro e carinhoso, essa é uma questão diferente. Não se pode vê-la como algo positivo. É algo inatingível, baseado na fantasia e que pode, portanto, ser uma fonte de frustração. Por isso, por essa avaliação, ele não pode ser considerado um fator positivo”.⁸

É possível amar sem conversar, estar apaixonado sem falar. Para mantermos a fantasia de que o outro nos completa, exigimos dele ser tudo para nós e nos esforçamos em ser tudo para ele. Nada mais interessa; muitos abrem mão de coisas importantes, como amigos e atividades que lhes são prazerosas, só para agradar ao outro.

Scott Peck diz que “embora eu pense que, de modo geral, os grandes mitos são grandes precisamente porque representam e incorporam grandes verdades universais, o mito do amor romântico é uma terrível mentira. Talvez seja uma mentira necessária por assegurar a sobrevivência da espécie, por estimular e validar convenientemente a experiência de nos apaixonarmos que nos leva ao casamento. Mas, como psiquiatra, o meu coração chora quase todos os dias pela horrível confusão e sofrimento que esse mito gera. Milhões de pessoas desperdiçam enormes quantidades de energia tentando desesperada e inutilmente fazer com que a realidade de suas vidas se ajuste à realidade do mito”.⁹

Convivência – o grande problema

O problema é a convivência do dia a dia, porque é impossível não perceber aspectos que nos desagradam no outro. Manter a idealização se torna impossível. O outro é visto de maneira bem diferente daquela que você fantasiou. A partir daí, para manter a estabilidade da relação, inúmeras

concessões são feitas. As frustrações vão se acumulando, tornando a relação sufocante. Não é raro observarmos mágoa e ressentimento após o desencanto ter se instalado.

“A loucura devoradora que liga duas pessoas no início de uma relação não pode se prolongar, a não ser se transformando em outro tipo de vínculo não menos estimável, como a cumplicidade, a amizade tranquila e segura. [...] Querer unir a qualquer preço intensidade e duração é recusar a passagem do tempo e se expor ao desespero.”¹⁰

Assistimos a grandes transformações no mundo, e, no que diz respeito ao amor, o dilema atual se situa entre a vontade de se fechar na relação com o parceiro e o desejo de ser livre para viver variadas experiências. Tudo indica que a aspiração por liberdade começa a predominar. Afinal, a fantasia de fusão faz com que os integrantes de uma relação percam, de alguma forma, a identidade própria e, portanto, os próprios limites. Acredito que seja apenas uma questão de tempo; as mudanças são lentas e graduais, mas definitivas, nesse caso.

O declínio do amor romântico

O amor romântico, que povoa as mentes desde meados do século xx, e pelo qual todos anseiam, prega, como vimos, que duas pessoas vão se transformar numa só, nada mais lhes faltando. Esse tipo de amor está presente nas novelas, nos filmes, nas músicas, mas, na realidade, seus dias estão contados.

Muitos discordam. Acreditam que sem uma relação amorosa do tipo romântica – fixa, exclusiva e duradoura – não se pode ter uma vida satisfatória. Esse modelo imposto de felicidade, além de não corresponder à vida real, gera sofrimento por induzir as pessoas à busca incessante pelo parceiro idealizado.

Ocorre que estamos no meio de um processo de profunda mudança de mentalidade. A busca pela individualidade caracteriza a época em que vivemos. A grande viagem do ser humano é para dentro de si mesmo. Cada um quer saber quais são suas possibilidades na vida, desenvolver seu potencial. O amor romântico propõe o oposto disso; prega que os dois se transformam num só, havendo complementação total entre eles.

Preservar a própria individualidade começa a ser fundamental, e a ideia básica de fusão do amor romântico deixa de ser atraente porque segue pelo caminho inverso ao dos anseios contemporâneos. A partir dos anos 1960, o surgimento da pílula e os movimentos de contracultura – feminista, gay, hippie –, aliados ao mundo da internet, iniciaram a possibilidade de se experimentar novas formas de relacionamento amoroso. O sociólogo inglês Anthony Giddens chama de “transformação da intimidade” o fato de milhares de homens e mulheres ocidentais estarem tomando consciência da importância de desaprender e reaprender a amar.¹¹

O amor romântico está saindo de cena, levando com ele a sua principal característica: a exigência de exclusividade. Com isso, aumenta o número dos que aceitam viver sem parceiro estável, recusando-se a se fechar numa vida a dois. Sem a crença de que é necessário encontrar alguém que o complete, surge a possibilidade de variadas opções amorosas.

Aos que não acreditam na possibilidade de, daqui a algumas décadas, a maioria das pessoas preferir ter parceiros múltiplos em vez de se fechar numa relação a dois basta visitar as décadas de 1950 e 1960. Se alguém, naquela época, dissesse que um tempo depois seria natural as moças não se casarem virgens seria tachado de louco. Diriam que a sociedade não estava preparada para isso. A virgindade era condição para o casamento. O mesmo ocorria a respeito da separação de um casal, que era vista como uma tragédia. Quem poderia admitir que algumas décadas depois ela acabaria se tornando prática tão habitual?

Alguns sinais do declínio do amor romântico

No consultório

O pai de Maiara narrou para a filha, durante toda a sua infância, detalhes da região onde ele nascera, a Catalunha. A menina cresceu com as imagens das casas, das ruas, dos campos e, após a morte do pai, fez uma promessa a si mesma de passar um tempo lá. Desde o primeiro emprego que conseguiu, após terminar a universidade, juntou dinheiro para passar três meses na região, aproveitando a oportunidade para conhecer um pouco mais da Europa. Quando conheceu Fernando e começaram a namorar, muito apaixonados, ela sempre pensava em contar seus planos,

mas ia deixando para o dia seguinte. O namorado passou num concurso público e imediatamente sugeriu que se casassem. Foi o momento em que Maiara lhe contou o que planejava. Antes de qualquer coisa, desejava conhecer a Catalunha. Pelas suas contas, dentro de oito meses teria os recursos necessários. Fernando sorriu. Havia entendido a sua determinação. Ofereceu-se para viajar junto e ajudar nas despesas.

* * *

Sérgio, namorado de Paula, tentou durante cinco anos ser aprovado no concurso para o Itamaraty. Acabou entrando e soube que iria para o México antes do final do ano. Sérgio era muito amado por ela e também a queria muito. Faziam planos sobre futuros filhos. Mas Paula era estudante de Jornalismo e muito empolgada com a futura profissão. Sérgio lhe informou o prazo-limite para se casarem no Brasil, antes da viagem. A família estava em polvorosa. Alguns primos já faziam planos de irem visitá-la. Então, Paula chamou a mãe para conversar: “Não vou me casar, mamãe. Adoro o Sérgio, mas vou ser esposa de diplomata o resto da vida? Vou jogar fora minhas pretensões de ser jornalista? Não. Vou desfazer meu noivado”. A mãe deu um sorriso amarelo, mas não disse nada.

No cinema

Todos dizem eu te amo (*Everyone says I love you*, 1996), de Woody Allen, ironiza, de forma brilhante, o amor romântico. Steffi (Goldie Hawn), Bob Dandridge (Alan Alda) e Joe Berlin (Woody Allen) são o trio principal do filme. Steffi e Bob são casados, e Joe é o ex-marido de Steffi e amigo íntimo do casal, que mora em Nova York. Joe vive em Paris. A jovem Djuna “DJ” (Natasha Lyonne), narradora do filme, é filha de Steffi e Joe e mora com a mãe, o padrasto e as filhas deles, Lane (Gaby Hoffmann) e Laura (Natalie Portman), adolescentes, e a mais velha, Skylar (Drew Barrymore). Todos pertencem à alta burguesia nova-iorquina e residem num belo apartamento em frente ao Central Park. A crítica ao amor romântico aparece na maioria das cenas do filme. Skylar é convidada pelo namorado, Holden Spencer (Edward Norton), para jantar. Ele “torrou” suas economias para comprar uma aliança de 8 mil dólares e a pedir em casamento. Na hora do jantar romântico, ele coloca o anel dentro de uma

fatia de torta e ela, sem saber de nada, engole a joia. Entram em pânico e vão todos, desesperados, para um hospital. O médico, ao ver a imagem na radiografia, pergunta o valor do anel e, ao saber do preço, informa que seu tio teria vendido um igual por valor menor.

Joe Berlin vivencia um drama sempre que é abandonado por alguma namorada, e tudo se dá de forma aparentemente casual. Ele viaja a Veneza com a filha DJ. Sentados num restaurante, à beira de um dos canais, passa por eles Von (Julia Roberts). Joe comenta a beleza dela, e a filha imediatamente desfia uma identificação total da moça, envolvendo intimidades que apenas a analista de Von conheceria. Sabemos então que DJ é amiga da filha da psicanalista com quem Von se trata e que as garotas ouvem, através de uma fresta na parede, as suas confissões. A cena, farsesca, consolida a crítica de Allen ao amor romântico: tudo está para acontecer em função do encontro amoroso, independentemente do absurdo que implique essa coincidência. DJ, que deseja ver o pai voltar a ser feliz após perder seu último amor, vai dando as informações íntimas sobre os gostos de Von, as quais ele usa para impressionar a moça com as afinidades entre eles, como se fosse sua “alma gêmea”, a “metade da laranja”, a “pessoa certa”. É claro que Von se apaixona pelo homem que adivinha todos os seus gostos e desejos.

Pouco depois, numa festa, DJ apresenta ao pai seu novo amor. “Quem é ele?”, pergunta Joe, chamando-a para um canto. E ela lhe responde que é um gondoleiro de Veneza e que estão apaixonados. Acrescenta romanticamente que vão se casar. O pai, surpreso, observa: “Mas vocês só se conhecem há cinco dias!”. Acontece que para DJ só o que importa é o grande amor pelo gondoleiro. Aproxima-se o final de ano, e todos retornam a Nova York. DJ, logo que desce no aeroporto, apaixona-se por um belo jovem e esquece o gondoleiro de Veneza. Aqui Woody Allen ironiza uma das características do amor romântico: as pessoas se apaixonam pela paixão. Na verdade, não importa muito quem seja.

Enquanto isso, em Nova York, Steffi vive em função de eventos sociais que suavizem sua culpa por ser rica. Ela está lutando para melhorar a decoração das celas dos presidiários e se mobiliza para conseguir liberdade condicional para Charles Ferry (Tim Roth), acusado de tráfico de drogas e assaltos à mão armada. Na festa de Natal na casa de Bob e Steffi, Skylar e Holden já estão noivos. O ex-presidiário Charles Ferry é convi-

dado e, apesar de suas atitudes totalmente inadequadas na tentativa de conquistar todas as mulheres narrando os próprios crimes, é aceito por todos. Skylar é abordada por ele e se apaixona. A idealização, típica do amor romântico, entra em ação.

Joe Berlin conquistou Von usando as informações que a filha lhe passara como se pertencessem a ele – o pintor preferido, a música erudita de que mais gosta, lugares por onde adora passear e até o próprio sonho recorrente que ela descreveu para a psicanalista: o topo absoluto do romantismo. Ela está dominada. Os dois se encontram em Paris num novo apartamento que ele aluga apenas para impressioná-la. Mas, depois de algumas semanas de intenso amor, ela informa que vai voltar para o marido em Nova York. Afinal, na convivência do dia a dia é impossível manter a idealização.

Skylar, após trocar o noivo recente pelo marginal Charles Ferry, sai para um passeio no parque com o novo amor. É surpreendida pela chegada de dois comparsas de Ferry, que acabaram de praticar um assalto. A polícia os persegue. Depois de conseguir se livrar do namorado perigoso, ela retorna para os braços do noivo.

Na festa de fim de ano em homenagem aos Irmãos Marx, Joe lá está. Encontra a ex Steffi. Bob não foi porque estava gripado. Os dois bebem um pouco e saem caminhando por Paris. Sob uma ponte onde namoraram no passado, beijam-se novamente, mas concluem apenas que a amizade é o grande amor que une a todos.

Nas histórias infantis – de Cinderela a Valente

Os contos de fadas trazem prejuízos às crianças. O mais grave é a ideia de que as mulheres só podem ser salvas da miséria, ou melhorar de vida, por meio da relação com um homem. As meninas vão aprendendo, então, a ter fantasias de salvamento, em vez de desenvolver suas próprias capacidades e talentos.

A historiadora austríaca, radicada nos Estados Unidos, Riane Eisler diz: “Realmente é repulsiva a maneira como Cinderela tem sido apresentada a milhões de meninas como louvável por não falar nada, muito menos se rebelar contra a injustiça: por chorar em silêncio e trabalhar do alvorecer ao anoitecer, explorada miseravelmente como um perfeito burro de carga. Todas as vezes que li essa história, não me dei conta de como

isso também fazia parte do seu treinamento para se ajustar ao sapato do príncipe – em outras palavras, para satisfazer as especificações para uma mulher do tipo esposa submissa”¹².

Entretanto, a mentalidade das pessoas está mudando. É o que mostra os novos desenhos animados em que as personagens femininas são fortes e independentes, e de forma alguma buscam encontrar um homem para viver um romance e que dê significado à sua vida. “Nosso destino está dentro de nós, você só precisa ser valente o bastante para vê-lo.” Essa sentença da personagem Merida sintetiza o argumento da animação *Valente*, da Disney.

Merida é uma princesa escocesa, filha do rei Fergus. Sua mãe, a rainha Elinor, busca adaptá-la aos padrões que a sua estatura dentro do reino exige. Tenta lhe ensinar boas maneiras, a história do reino, lições para que se torne uma boa rainha, e espera que ela se case. Mas a princesa Merida é diferente; não quer se casar nem ser igual à mãe. Ela quer poder viver o próprio destino, e não aquele que a mãe e as outras pessoas do reino esperam dela.

Merida aprende as habilidades que só os homens exercitam naquelas paragens e época, como, por exemplo, o manejo do arco e flecha. Todos os jovens do reino querem ganhar o seu coração e se tornar rei ao se casar com ela. É criado um campeonato de arco e flecha para escolher o indicado, mas, após vários atiradores chegarem perto do centro do alvo, é Merida quem faz o melhor acerto. Nesse sentido, *Valente* ultrapassa as narrativas tradicionais do gênero, apresentando uma jovem que não deseja encontrar o príncipe encantado e compete em pé de igualdade com os homens. O resultado positivo de toda essa mudança é que, no Ocidente, cada vez menos mulheres se dispõem a ajustar sua imagem às exigências e necessidades masculinas.

Nos brinquedos – a vida amorosa de Barbie e Ken

Criação de Ruth e Elliot Handler em homenagem à filha Barbara, Barbie tornou-se mundialmente famosa por ser a primeira boneca que reproduziu a anatomia de uma bela mulher adulta.

Até hoje a influência da Barbie, sem dúvida, é marcante. Ela e seu namorado, Ken, criado algum tempo depois, invadem milhões de lares em todo o mundo há cinquenta anos projetando um sonho de beleza,

equilíbrio e perfeição. O sucesso de Barbie inspirou a artista canadense Dina Goldstein, que transportou o casal de bonecos para uma hipotética vida real a partir de montagens fotográficas com modelos humanos.

A obra intitulada *In the dollhouse* questiona a relação amorosa perfeita criada no imaginário de várias gerações. A autora desmitifica a história do casal e vai retratando o seu cotidiano, que não tem nada da vida idealizada que o amor romântico prega. “Utilizando cenários idênticos aos das casas de bonecas e dois modelos de carne e osso, Dina transforma a Barbie numa personagem dominada por angústias, medos e vícios. Ou seja, aquilo que possivelmente sentiria se fosse humana. Sob essa visão realista, aborda também a sua relação com Ken. Barbie vive um casamento infeliz, questiona-se sobre a sexualidade do marido e tenta esquecer os problemas refugiando-se no álcool.”¹³

Utilizando cenários cor-de-rosa e hiperidealizados, as fotos mostram situações do casal no dia a dia. Algumas delas:

1. O vaidoso Ken se apodera do secador de cabelo de Barbie e ocupa o espelho numa sessão de “embelezamento”, enquanto ela assiste à cena escovando os dentes.

2. No café da manhã, Ken, de pernas cruzadas e sapatos de salto alto, compete com ela na postura feminina.

3. Ken não veio para o jantar. A foto “Dining alone” mostra Barbie bebendo sozinha enquanto espera. Na imagem seguinte, ela está caída sobre a mesa, bêbeda.

4. Barbie e Ken dormem lado a lado. A ilustração fotográfica mostra o que os dois sonham. Coincide que ambos sonham com o mesmo homem: um soldado seminu.

5. Barbie abre a porta do quarto e encontra um homem na cama. Não há dúvida de que Ken, que está de pé, acabou de transar com ele.

No projeto *In the dollhouse* fica evidente o sinal do declínio da idealização do par amoroso inerente ao amor romântico.

Na música

Raul Seixas (1945-1989) é um dos pais do rock brasileiro. Sua contribuição foi além do gênero de origem inglesa ao fundir o baião com o rock tradicional. Ele foi também um compositor que assumiu as raízes místicas da contracultura, um crítico da hipocrisia burguesa. Duas músicas de

Raul ilustram bem os sinais de uma mudança de mentalidade a respeito do amor.

Em “A maçã”, Raul diz que se o amor ficar só entre duas pessoas vai ser muito pobre e vai se gastar. Diz também que não poderá condenar a pessoa amada se ela se relacionar com outro, porque ela não pode ficar presa como uma santa num altar. A seguir, um dos mais belos trechos da música:

Amor só dura em liberdade
O ciúme é só vaidade
Sofro, mas eu vou te libertar
O que é que eu quero
Se eu te privo
Do que eu mais venero
Que é a beleza de deitar...

Em “Medo da chuva”, a letra fala dos prejuízos de ficar fechado numa relação:

Como as pedras imóveis na praia
Eu fico ao teu lado sem saber
Dos amores que a vida me trouxe
E eu não pude viver
[...]

O maior desafio vivido pelos casais

Atendo no consultório há 50 anos em terapia individual e de casal. De aproximadamente cinco anos para cá, passei a receber casais trazendo novos conflitos, que ocorrem porque uma das partes propõe a abertura da relação – partir para uma relação não monogâmica – ou então uma nova prática sexual. A outra parte se desespera com essa possibilidade, sente-se desrespeitada, agredida, não amada. Atendi, por exemplo, um casal em que o marido desejava muito ver a esposa transando com outro homem.

E ela, chorando, perguntava durante a sessão de terapia de casal: “Como alguém que ama pode querer ver sua mulher com outro?”. Selecionei cinco relatos que deixam claros os conflitos que muitos vivem nesse período de transição entre antigos e novos valores.

Joana e Felipe

Joana, médica, e Felipe, engenheiro, têm 40 anos e são casados há oito. O que os trouxe ao meu consultório para terapia de casal foi o desejo constante de Felipe de frequentar casas de swing, onde os dois pudessem ter contatos sexuais com outros casais. Joana diz:

Na primeira vez, fui a contragosto, aceitando apenas porque amo muito meu marido e porque ele insistiu até que eu cedesse. Comprou blusas do tipo tomara que caia para que os homens pudessem ver meus seios rapidamente. Eu bebo uns drinques e fico mais animada. Nunca fui penetrada por nenhum outro homem, além de meu marido, mas fiquei exposta várias vezes, quando os homens baixaram minha blusa. Enquanto um homem desconhecido beijava meus seios, a mulher dele fazia sexo oral no meu marido. Confesso que sempre saio da casa de swing com certa culpa e em dúvida se meu marido realmente me ama. Um dia, voltei para casa especialmente incomodada, chamei Felipe e dei um basta. Eu não me casei pra isso. Quero ter filhos, ser uma mãe de família. Ele também quer ser pai, mas senti que ficou muito triste com minha reação. Combinamos uma redução das visitas ao swing para uma vez por mês. Mas ele fica sempre ansioso enquanto não chega o dia de irmos.

Pat e João

Pat e João conheceram-se na empresa onde são engenheiros e colegas. Namoram há um ano. Procuraram ajuda porque Pat não suporta mais a prática que ele exige dela: sujeitar-se a transar com outros homens na frente dele.

Vamos para as boates e ele vasculha os homens sós e escolhe um para que eu seduza. Fica me observando a distância, e bastam alguns olhares para que o escolhido se aproxime de mim. Acabamos no apartamento de João, com sexo meu com o há pouco desconhecido parceiro e assistido por meu namorado. Um dia desses, gostei muito de um dos caras que ele determinou que eu seduzisse e saí porta afora com o estranho, deixando ele sozinho. Ele ficou

furioso e brigamos no dia seguinte. Ele quer me assistir nos braços de outro. Isso me deixa em dúvida se realmente me ama.

Mariana e Pedro

Mariana e Pedro formam um casal com alguns anos de convívio e dois filhos. A vida sexual dos dois não era das melhores até que Mariana passou a trabalhar numa clínica em horário que tomava um pedaço da noite. Pedro reclamou, mas a vida deles melhorou no aspecto erótico: Mariana, que sempre fora conduzida ao sexo a contragosto, passou a procurá-lo quando chegava tarde do trabalho, e sempre faziam um ótimo sexo. Porém, o mais surpreendente ainda estava por vir, como ele conta:

Após uma melhora em nossas relações amorosas, sempre em noite alta, um dia ela propôs irmos a uma casa de swing. Resisti um pouco, depois aceitei. Temos ido bastante. O problema é que ela, logo que chega, encontra homens interessados, que a conduzem para o sexo mais ativo, mas eu raramente consigo alguém para transar. Na verdade, vou à casa de swing para ver outros homens transarem com a minha mulher.

Jorge

Fui procurada por Jorge, um advogado de 43 anos, casado há quinze, pai de três filhos. Ele ama a mulher, com quem faz sexo todos os dias. Mas, como ela tinha pouca experiência anterior ao casamento e ele queria viver outras relações, sugeri que abrissem a relação. Ela resistiu no início, depois concordou. Mas o que ele não esperava aconteceu:

Descobri que ela está tendo um caso. Foi uma bomba para mim. Entrei numa crise de ciúmes. Procurei você porque eu acho que o melhor caminho para o casamento é termos a liberdade de transar com quem a gente quiser... E eu não quero sentir o que senti, não quero ficar perturbado, sentir ciúme. Peço a sua ajuda porque não tenho dúvida de que é o melhor caminho para o casamento.

Júlio

Júlio vive em Berlim e desde 2012 tem uma união estável com um alemão. No consultório me contou que sofre pelos hábitos libertários do parceiro.

Após dois anos de trocas de mensagens no Facebook e WhatsApp, nos encontramos no Rio de Janeiro. Ele sempre ia ao Brasil me visitar, e em 2016 decidimos viver juntos aqui. Depois do registro de nossa união estável, ele propôs relacionamento aberto, o que me chocou na época. Decidi topar por amor e pela curiosidade de estar com outros homens. Mas, na prática, eu não consigo me abrir pra esse tipo de relação. Sou ciumento. Imaginá-lo com outros caras me machuca. Há algumas semanas, terminamos e depois voltamos, concluindo que cada um deve ter seu espaço. Ele argumenta que, às vezes, precisa ficar sozinho. Mas o que ele realmente quer é ter outras pessoas. Ontem, descobri que ele vai a Budapeste para uma festa de sexo grupal. É relacionamento aberto ou putaria? Acho esse comportamento sexual um pouco fora da realidade. Concordo que não posso controlar a pulsão sexual de ninguém. Mas até que ponto isso é saudável? Eu tenho que fazer alguma terapia pra resolver minha sexualidade?

* * *

A maioria das pessoas tem apenas um relacionamento íntimo, tido como monogâmico. Trata-se de uma relação fechada em que não se admite a presença de mais ninguém. Mas há os que têm relações não monogâmicas. Nesse caso, cada um pode compartilhar a intimidade com outras pessoas, sem que o parceiro fixo se sinta magoado ou enganado.

Leonie Linssen é orientadora de casais, especializada em tipos alternativos de relacionamento. Ela se apresenta na Holanda em programas no rádio e na tv. Stephan Wik é taoista, praticante e codiretor do The Wuji Centre, na Bélgica, e tem vasta experiência no que diz respeito a relacionamentos íntimos. Ambos mantêm, há anos, relacionamentos abertos. Escreveram juntos o livro *Amor sem barreiras*, que comento a seguir.

A base de um relacionamento aberto é a honestidade e a transparência entre todos os envolvidos. O que exatamente a intimidade com outras pessoas implica depende dos nossos desejos e anseios. Alguns querem apenas flertar, outros podem querer proximidade, amizades íntimas com outros homens ou mulheres. Alguns desejam ter encontros em que possam flertar, beijar ou talvez ir além. Outros estão à procura de casais com quem passar uma noite erótica juntos em casa ou no clube de swing.

“O que para alguns é uma aventura a mais, para outros é apenas o primeiro passo. Alguns abrem o relacionamento para incluir relações complementares contínuas com outras pessoas. Os que se identificam com poliamorosos muitas vezes gostariam de poder expressar seu amor por outros de muitas maneiras diferentes.”¹⁴ Para os autores, um relacionamento aberto é aquele que oferece mais possibilidades do que simplesmente “você e eu”. Cada um resolve o que “aberto” significa.

Abrir um relacionamento não é algo normalmente feito por capricho. Não é uma decisão que tomamos no sábado à noite e na sexta-feira seguinte estamos prontos para executá-la. Muitos casais falam sobre isso, mas não se arriscam a partir para a prática com medo do impacto sobre a própria relação.

Outros casais discutem a ideia durante muito tempo antes de decidir ampliar seus limites de relacionamento. Mesmo assim, pode ser necessário que se passem meses ou anos até que os parceiros envolvidos encontrem a melhor maneira de manter seu relacionamento aberto. É um processo que pode trazer paixão renovada, diversão e momentos emocionantes a uma relação, mas também oferecerá desafios que realmente a colocarão à prova. Em outras palavras, abrir um relacionamento pode demandar tempo e energia e requer cuidados para assegurar que decepções sejam evitadas ou adequadamente tratadas.